

Teatro do Ginásio  
**GABRIELA DA CUNHA**  
24 de dezembro de 1861

Enfim! sobre esta cena, a tua e nossa glória,  
Onde a musa eloquente e severa da história  
Toma-te a mão, e te abre à fascinada vista  
O campo do futuro, ó nobre e grande artista,  
Vejo-te, enfim!

O templo ermo, calado e nu  
Esperava a madona e a madona eras tu;  
Mercê do mar sereno e do lenho veloz,  
A mesma, a mesma sempre, eis-te, enfim, entre nós.

Eras daqui. Que importa uma ausência? O teu nome  
A ausência não descora, o olvido não consome;  
Da lembrança e da luz que ficaram de ti,  
Andasses longe, embora, ele vivia aqui.  
O que é o mar? Barreira inútil. A lembrança  
Tem asas e a transpõe. E depois a esperança  
De ver no mesmo céu a mesma estrela dantes  
Punha no ânimo a paz.

Aos louros verdejantes  
De que ornavas a fronte outros inda juntaste.

Bem-vinda sejas tu, tu que por fim voltaste  
No brilho e no vigor dos teus dias melhores,  
Luzente de mais luz, c'roada por mais flores  
E que vens, assentando outras datas gloriosas,  
Dar ao palco viúvo a melhor das esposas.

M. D'A.

[*Correio Mercantil*, 29 dez. 1861. p. 2.]

Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos